

Perspectivas de um correspondente sobre a Campanha do Deserto: a *Revue des Deux Mondes* e a missão cultural francesa na Argentina oitocentista

RESUMO

O artigo dedica-se às projeções e apropriações engendradas pela *Revue des Deux Mondes*, ao longo do século 19, em face da Argentina. Em particular, o texto discute a trajetória do correspondente da revista, o engenheiro Alfred Ébelot, nas representações que este produziu sobre o lugar dos índios na nação que se formava e em sua colaboração ativa com a Campanha do Deserto.

Palavras chaves

Campanha do Deserto, *Revue des Deux Mondes*, missão cultural francesa.

Este artigo dedica-se ao problema das visões sobre a América Latina veiculadas pela *Revue des Deux Mondes: recueil de la politique, de l'administration et des moeurs*, e das formas pelas quais a publicação procurou se projetar sobre debates que estavam em curso nas próprias sociedades latino-americanas, onde a revista circulava em edições originais ou por meio de contrafações belgas.¹

O texto debruça-se especificamente sobre as representações e diálogos que a *Revue* quis promover acerca da Argentina. Deixará de lado, nesse sentido, os diferentes artigos e notas referentes às mais variadas regiões da América Latina, como o México, o Peru, a Venezuela e o Brasil. É importante sublinhar, contudo, que a paisagem, a produção intelectual, o desenvolvimento econômico e os embates sociais e políticos do Estado

¹ Agradeço à FAPESP pelo apoio concedido ao Projeto Temático *Cultura e política nas Américas*, circulação de ideias e configuração de identidades (séculos 19 e 20), no seio do qual realizei a pesquisa sobre a *Revue des Deux Mondes*. Agradeço também aos organizadores da "2ª Jornada de Fontes – Os arquivos editoriais (documentos e livros) como fontes para a História", para participar do seminário em 18 de novembro de 2014, no Departamento de História da UNIFESP. No Brasil, por exemplo, parte considerável das coleções existentes foi impressa em Bruxelas, com o papel e o trabalho gráfico de baixa qualidade que caracterizavam as edições piratas belgas. Cf. Kátia Aily Franco de Camargo. "A revista como fonte de pesquisa". In: *Educação: teoria e prática*, Unesp (Rio Claro), v. 13, n. 24, jan.- jun. 2005, n. 25, jul.- dez. 2005, p. 88.

argentino foram temas particularmente visitados nas páginas da *Revue des Deux Mondes* ao longo do século 19.

1.A *Revue des Deux Mondes*: breve apresentação

Criada, em meados de 1829, por Prosper Mauroy, a *Revue des Deux Mondes* foi, dois anos mais tarde, vendida a Auguste Auffray, passando a ser dirigida por François Buloz, responsável por imprimir o perfil e a importância que marcariam a publicação durante boa parte do século 19. Após a morte de François Buloz, em 1877, a direção da *Revue des Deux Mondes* coube a seu filho Charles Buloz. Tal inflexão marcou o início de um processo de perda de vitalidade da empresa, que se traduziu na redução do número de assinantes com que contava na época da transição, estimado em 25 mil, e culminou com a demissão de Charles Buloz, em 1893.

A partir do ano seguinte, o nome dos Buloz foi substituído pelo de Sociétés Ferdinand Brunetière et Compagnie no cabeçalho da revista. Dentre outras mudanças que a substituição implicou destaca-se, segundo Kátia Aily Franco de Camargo, a entrada em cena de colaboradores identificados com o catolicismo.² No que concerne ao tema desta investigação, observa-se um decrescente interesse editorial pela América Latina.

Nos anos de maior *frisson*, a revista colocou em prática a finalidade de promover vínculos culturais, políticos e econômicos entre o mundo europeu e o "outro" mundo – extra-europeu. Reunindo colaborações de prestigiosos escritores e pensadores da época, enfocava temas literários e artísticos, questões filosóficas, históricas e científicas, temas de política e economia e muitos relatos de viagens a terras distantes.

O olhar universalista que guiava a publicação se voltou com frequência para a América Latina, objeto, além das narrativas de viagem, de artigos sobre acontecimentos políticos e dados econômicos, ou sobre as relações que esta guardava com a França. Nesse sentido, a revista procurou destacar a vigorosa difusão das idéias liberais e humanistas, assim como de expressões literárias francesas, entre os "espíritos cultivados" das jovens repúblicas. Se é certo que a *Revue* contribuiu para apresentar o subcontinente ao público europeu, há fortes sinais de que repercutiu entre os letrados latino-americanos, divulgando, por um lado, um certo repertório de concepções e debates em voga na Europa e, por outro, dialogando com as percepções desses letrados sobre os problemas e possibilidades dos processos de construção nacional latino-americanos.

Embora a *Revue des deux Mondes* não fosse um órgão de comunicação governamental, acredito que se colocou como porta-voz de um certo projeto cultural e político referente às relações da França com o mundo, ao mesmo tempo definidor de representações sobre terras estrangeiras e explorador de caminhos para irradiar conexões francesas. Do ponto de vista político, esteve muito enfrontada nas altas esferas do poder, especialmente entre 1830 e 1848, durante o reinado de Louis-Philippe d'Orleans.

Por outro lado, o esforço febril de François Buloz assegurou que os vínculos com o "outro" mundo não ficassem restritos às informações e representações sobre regiões longínquas contidas nos longos artigos. O editor tinha clareza dos cadafalsos econômicos que vitimaram muitos periódicos de qualidade nos oitocentos.

Era preciso explorar os mercados leitores que a revista englobava em suas projeções simbólicas, por intermédio de uma eficiente rede de distribuição internacional e, sobretudo, de venda de assinaturas.

² *Idem*, p. 91. Sobre o crescimento vertiginoso da publicação de impressos na França, a partir de meados do século 19, ver Roger Chartier e Henri-Jean Martin. *Histoire de l'édition française. Le temps des éditeurs, du romantisme à la belle époque*. Paris: Promodis, 1985.

O volume de correspondências trocadas entre Buloz e seus representantes mundo afora expressa a importância que adquiriram os vínculos comerciais, paralelamente aos culturais e políticos, que a *Revue* buscou fomentar.

Os arquivos da *Revue* hoje reunidos na Abbaye d'Ardenne, na Normandia, guardam, todavia, poucos registros sobre a distribuição e a origem dos assinantes da revista na América Latina do século 19. A despeito dessa limitação, é possível encontrar em escritos de leitores sinais de que figuras proeminentes do mundo intelectual e político dos diferentes Estados Nacionais em formação conheciam, valorizavam e incorporavam referências veiculadas pela *Revue* em seus esforços de reinvenção das sociedades emancipadas.³

Nesse sentido, o trabalho com essa fonte demanda observar, em primeiro lugar, os objetivos estabelecidos pelos editores da *Revue*, ao longo de quase um século, quanto ao lugar político e cultural que a publicação esperava ocupar. Em segundo lugar, implica atentar para as muitas mediações que marcaram a realização desses objetivos – dos critérios comerciais ao gerenciamento dos colaboradores e canais de diálogo abertos com os outros continentes – e que ajudaram a definir o lugar político e cultural que veio a ocupar. Em vista disso, a escolha do tema desta pesquisa remonta a um campo de interesse pelo papel dos impressos na produção e circulação de idéias na América Latina do século 19 e princípios do 20, campo ao qual venho me dedicando nos últimos anos.

2. As Províncias Unidas do Rio da Prata – em 1853, Argentina – nas páginas da *Revue*

Diferentes artigos veiculados pela *Revue* expressaram o engajamento da publicação no debate acerca da dicotomia entre civilização e barbárie que plasmou o imaginário nacional da Argentina oitocentista.⁴

A clássica obra do pensador e político argentino Domingo F. Sarmiento, *Facundo: civilização ou barbárie*, publicada pela primeira vez em folhetim em 1845, não passou despercebida aos colaboradores da *Revue*. Já no ano seguinte, em 1846, um artigo intitulado “De l'Américanisme et des Républiques du Sud”, assinado por Charles de Mazade, trazia os seguintes comentários:

O livro de Sarmiento é uma das obras excepcionais da nova América onde pulula alguma originalidade; trata-se de um estudo vivo, de uma análise profunda e vigorosa de todos os fenômenos da sociedade americana e, particularmente, da sociedade argentina.⁵ O brilho do estilo não compromete a vitalidade do pensamento. Como contribuição extra, a literatura terá seu momento quando os problemas debatidos por Sarmiento alcançarem uma solução; até lá, o valor literário que se deve buscar em ‘Civilização e Barbárie’ é menor do que as idéias e fatos cuja exposição confere à obra um raro interesse. (...)

O senhor Sarmiento torna claros vícios hereditários, perturbações e paixões dissolventes que teriam o efeito de reconduzir a América à vida selvagem. Por mais triste que seja o presente, o combate hoje levado a cabo além do Atlântico deve ser considerado como uma das provas solenes por meio das quais se forma a virilidade de um povo. Seja lá o que for, trata-se do surgimento de um novo

3 Ver, por exemplo, o caso de Francisco Bilbao no Chile, analisado por Maria Ligia Prado, com quem compartilhei esse projeto de pesquisa no âmbito do Projeto Temático da FAPESP, em Maria Ligia Prado. “Leituras políticas e circulação de ideias entre a França e as Américas: Francisco Bilbao e a *Revue des Deux Mondes*”. In: José L. Beired, Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado (Orgs.), *op. cit.* Maria Ligia Prado e eu visitamos juntas, em 2008, os acervos documentais reunidos pelo IMEC – *Institut Mémoires de l'édition contemporaine* –, na Abbaye d'Ardenne, em Caen, na Normandia, e escolhemos recortes específicos sobre os quais cada uma de nós se debruçaria, na medida em que nossos levantamentos avançavam.

4 Ver, por exemplo, Maristella Svampa. *El dilema argentino: civilización o barbarie*. Buenos Aires: El Cielo por Asalto, 1998.

5 Tradução livre do francês, de minha autoria. A partir daí Mazade recupera diferentes passagens de Facundo, como a descrição feita por Sarmiento de diferentes tipos sociais do universo *gaucho* argentino, como o rastreador, o *baqueano* e o cantor.

mundo.⁶

Gostaria aqui de ressaltar a posição ocupada por Charles de Mazade na estrutura da *Revue des Deux Mondes*, ao longo dos 47 anos, iniciados em 1845, em que atuou como colaborador. Mazade não tardou em conquistar a confiança de François Buloz, que lhe delegou crescentes responsabilidades, dentre as quais a redação da *Chronique*, prestigiada seção da *Revue*. Ao mesmo tempo, provavelmente em virtude das temporadas que passava em sua casa de campo em Flamarens, nos Pirineus, para desespero de Buloz, Mazade tornou-se fonte de artigos que a *Revue* dedicava à Espanha. Não por acaso, seu foco de interesses se estendeu, vez por outra, às ex-colônias espanholas no Atlântico.

Ao iluminar autores argentinos que considerava paladinos do projeto civilizador – caso de entre outros, além de Sarmiento, Esteban Echeverría, prestigiado representante da Geração de 1837 – a revista também celebrava a identificação das elites ilustradas do país com os referenciais culturais e políticos franceses:

O liberalismo de 1830 oferecia aos homens políticos do Novo Mundo um tipo de refúgio do pensamento. (...)

A França pacificada (...) reconquista brilhantemente sua grande influência, se apodera dos espíritos por meio de sua tribuna, por sua imprensa novamente organizada, por seus jornais e suas revistas, por todas as produções do espírito. (...)

As instituições políticas da França, a marcha de suas idéias, a autoridade assumida pela doutrina republicana, é o que têm em alta conta os espíritos cultivados da República Argentina (...)

A Direção do Colégio Nacional – a instrução dos que estão destinados a presidir e a participar da maravilhosa transformação deste país – foi atribuída desde a primeira hora a Amédée Jacques. (...)

A Universidade de Buenos Aires, as Faculdades de Direito e de Medicina, a Escola Militar se constituem pouco a pouco sobre a base das Faculdades e Escolas da França; são os livros didáticos franceses que estão em todas as mãos em seu texto original (...)

As livrarias ostentam em suas vitrines os livros franceses. Os jornais franceses chegam a elas em grandes pacotes. Certas revistas contam com um número considerável de leitores. (...) ⁷

Por outro lado, em diferentes oportunidades, reiterou a expectativa de que a civilização prevalecesse sobre a barbárie em meio à luta que se travava no jovem Estado Nacional. A faceta da “barbárie” argentina que mais seduziu o olhar decifrador que os editores da *Revue* lançavam ao além-mar foi a dos conflitos com os índios.

Como se sabe, os grupos que disputaram o controle do recém-fundado Estado Nacional foram obrigados a negociar com as populações indígenas estabelecidas no território. Por sua vez, essas

6 Charles de Mazade. “De l’Américanisme et des Républiques du Sud”. In. *Revue des Deux Mondes*, 2^{me} période, T. IV, 1846, p. 625. Sobre o tema, ver também Haydée J. Biocca. *Una imagen de la Argentina en el siglo XIX francés*: según la “Revue des Deux Mondes”, 1835-1885. Bahía Blanca: Ediciones de los Cuadernos del Sur, 1963.

7 Excertos do artigo: Émile Daireaux. “La colonie française de Buenos Ayres ». In. *Revue des Deux Mondes*, 3^{me} période, t. 65, sept.-oct. 1884, pp. 879-907.

populações passaram por importantes transformações nesse período em virtude do processo conhecido como *araucanização*, relativo à migração de índios araucanos vindos do Chile. Os araucanos imprimiram nos índios argentinos sua marca guerreira, difundindo a prática dos *malones*. Os ataques a cavalo às cidades dos Pampas, incluindo Buenos Aires, resultavam em saques, assassinatos e raptos de homens, mulheres e crianças.

Nas décadas que se seguiram à independência, lideranças unitárias e federalistas empenharam-se em assinar tratados de paz com os caciques das confederações indígenas que se formaram a partir da *araucanização*, na esperança de conter os *malones*.⁸ Todavia, em ambos os círculos políticos *criollos*, a política de paz coexistiu com o desenho de estratégias militares para intimidar os indígenas.

Quando os unitários de Buenos Aires derrotaram a Confederação Argentina encabeçada pelo caudilho federalista Justo José de Urquiza, em 17 de setembro de 1861, a opção pelo etnocídio aos poucos ganhou força. Nas décadas de 1870 e 1880, as “campanhas do deserto” idealizadas por Adolfo Alsina e por seu sucessor no Ministério da Guerra e da Marinha e logo presidente da República, Julio A. Roca, asseguraram, pela via do extermínio e do confinamento, a vitória do Estado sobre essa indesejada parcela da população nacional.

Em 1876, um artigo de M. Alfred Ébelot publicado pela *Revue* procurava traduzir aos leitores europeus a inusitada movimentação em curso na Argentina.

Um sentimento muito particular toma conta de um francês de nosso século, deste século crítico, analítico, levemente pedante, quando se encontra na presença de autênticos selvagens, e que lhes surpreende em flagrante delito de selvageria, entregues à matança, ao saque e à devastação. É sem dúvida um sentimento de horror, ou sobretudo de desgosto, pois a bestialidade primitiva, vista de perto, é de uma prosaica feiúra; é, ao mesmo tempo, um interesse sentimental, uma curiosidade mesclada com piedade. Esses selvagens brutos e ferozes, essas raças degradadas, como nós as chamamos, não seriam sobretudo raças em vias de formação, e seu maior erro menos o de serem selvagens que o de serem anacrônicos?⁹

Nascido em uma pequena cidade dos Pirineus franceses, em 1837, engenheiro civil de formação, Ébelot foi secretário da *Revue de Deux Mondes* até 1870, ano em que recém se havia estabelecido na Argentina. Ao longo das duas décadas seguintes, continuou a alimentar a revista com artigos de sua autoria.

Em Buenos Aires, Alfred Ébelot fundou a associação *Republique française*, depois transformada em *l'Union française*, e tornou-se colaborador de jornais como *La Nación* e *Courrier de la Plata*. Em 1875, recebeu o convite de Adolfo Alsina, então Ministro da Guerra e da Marinha, para participar dos planos militares de conquista do “deserto”. Como engenheiro militar, integrou a comissão que prepararia a abertura de um fosso de mais de 400 km de extensão – a chamada *zanja*, para usar o termo em espanhol – com vistas a proteger a capital do país dos *malones* indígenas.

8 Ver Gabriel Passetti. *Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)*. São Paulo: Alameda, 2012. Sobre o olhar “estrangeiro” sobre as paisagens e sociedades americanas do século 19, ver, entre outros, Margarida Pierini. “La mirada y el discurso: la literatura de viajes”. In: Ana Pizarro (Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura. Emancipação do discurso*. São Paulo: Memorial; Campinas: Unicamp, 1995, vol. 2. e Dennis Porter. *Haunted journeys: desire and transgression in European travel writing*. New Jersey: Princeton University Press, 1991.

9 Alfred Ébelot. Invasion indienne dans la province de Buenos Aires. In. *Revue des Deux Mondes*, 3^{ème} période, T. 15, mai-juin 1876, p. 111.

O artigo aqui em foco foi, portanto, publicado pela *Revue des Deux Mondes* no calor dos acontecimentos.¹⁰

No mês de novembro de 1875, o ministro da guerra da república argentina, o doutor don Adolfo Alsina, me incumbiu da missão seguramente pouco comum, mesmo se fosse dada a um engenheiro sul-americano, de desenhar uma cidade em pleno deserto, dotá-la de uma escola, cercá-la de fazendas e unidades de meação, e de aí instalar, como execução de um tratado recente, a tribo do cacique Catriel. Esses índios ainda pertenciam, há alguns meses, à categoria dos que são chamados no estilo da fronteira de *Índios mansos* (...): o objetivo era levá-los a dar mais um passo no sentido de torná-los civilizados. O meio adotado para alcançar esse resultado parecia sábio e sensato. Tratava-se de suprimir o comunismo estéril em que eles vegetavam sob o despotismo patriarcal dos caciques; tratava-se de dar a cada um deles, com a propriedade de seu campo e de sua casa, o sentimento de independência como homens e, pouco a pouco, por meio da escola e do exemplo, de dignidade como cidadãos.¹¹

O tratado de paz assinado, em setembro de 1875, por Juan José Catriel, principal cacique dos índios Pampa-Tehueche desde a morte de seu pai em 1870, expressava a perda do poder de pressão que os grupos indígenas haviam mobilizado nas décadas precedentes. Tradicional aliada das autoridades portenhas nas estratégias desenhadas para proteger a província dos ataques indígenas perpetrados por Confederações inimigas – como a de Salinas Grande, criada pelo lendário cacique Calfucurá, morto de pneumonia em meados de 1873 – a linhagem dos Catriel perdeu força política na medida em que as campanhas do deserto restringiram o número de *malones*. Daí a aceitação de um tratado de paz que continha termos muito desvantajosos aos Pampa-Tehueche.

De sua parte, apresentadas as justificativas políticas e culturais da missão que aceitara, calcadas em preceitos liberais que emanavam da França republicana, Ébelot dedicou páginas e mais páginas de texto a uma minuciosa análise da situação dos índios que ameaçavam as bases da civilização na Argentina e do plano de avanço da fronteira *criolla* em direção ao Rio Negro.

Na conclusão do artigo, anunciou sem meias palavras o objetivo da ação militar:

Se buscarmos tirar conclusões das cenas que procuramos pintar, a primeira que se apresenta ao espírito é a de que a era de complacências e de jogos de sedução perante os índios deve se encerrar para sempre. (...) Ser humano aos seus olhos, é claro, mas com a condição de sê-lo depois de os havermos vencido e de fazê-los compreender que esta generosidade não é a da fraqueza. Do ponto de vista militar, o leitor não deixará de perceber em que consiste o erro principal em que a república argentina se deixou enredar. Ela foi reduzida ao papel passivo, à guerra defensiva, a mais ingrata e menos eficaz de todas as guerras. Ela havia deixado seus inimigos selvagens se arrogarem o lado mais fácil e mais brilhante, uma ofensiva intermitente, de golpes rápidos, nos momentos e nos

¹⁰ Em 1890, Alfred Ébelot condensaria suas percepções sobre os índios e *gauchos*, já em vias de desaparecimento, no livro *La Pampa*, reeditado em 1892 pela editora Zulma.

¹¹ Alfred Ébelot. Invasión indienne dans la province de Buenos Aires. In. *Revue des Deux Mondes*, 3ème. période, T. 15, mai-juin 1876, p. 112.

terrenos que eles próprios escolhiam. A translação da linha das fronteiras permite que se invertam os papéis. (...) Em poucas etapas, nós chegaremos ao Rio Negro. Trata-se de uma barreira natural que os índios do Sul, que não sabem nadar ou navegar, dificilmente conseguirão transpor. (...) A questão indígena ficará então resolvida por muito tempo. Queira o céu que uma política bem pensada e prática complete a obra ao favorecer a valorização de milhares de metros quadrados assim conquistados à civilização.¹²

Diante do implacável avanço das tropas de Adolfo Alsina, Juan José Catriel abandonou o status de *índio amigo* e Cacique General de los Pampas e, ao lado de, entre outros caciques, Manuel Namuncurá, o filho que sucedeu Calfucurá frente à influente Confederação de Salinas Grande, participou de uma nova onda de *malones* em meados 1876.¹³

Mas a *zanja* aberta por Alsina com o auxílio de Ébelot impunha sérias dificuldades aos *malones*. Para que fossem capazes de transpô-la a cavalo, os indígenas adotaram a tática de criar passagens preenchendo a vala com centenas de ovelhas mortas, tocando fogo em terreno próximo para que pudessem localizar a "ponte" quando retornassem do ataque. A fumaça, entretanto, servia de alerta aos militares *criollos*, que saíam à caça. Ao longo de 1876 e 1877, diversas *tolderias* – os acampamentos indígenas – foram atacadas pelo exército. Na madrugada de 14 de novembro de 1877, foi a vez da *tolderia* de Juan José Catriel cair. O cacique e seu irmão Marcelino conseguiram fugir, mas, um ano depois, acabaram presos na ilha de Martín García.

Os sucessos de Adolfo Alsina, completados por Julio A. Roca, liberaram parcelas de território cobiçado pelas "oligarquias agrárias portenha e santafesina, reunidas sob a *Sociedad Rural Argentina*, principal organizadora do repartimento de terras conquistadas após 1876".¹⁴

Nos anos que se seguiram, Alfred Ébelot publicaria novos artigos na *Revue de Deux Mondes* em que descrevia os pampas, os *gauchos* e a "selvageria" indígena como uma página virada da história argentina. Aos leitores, restava o prazer de relembrar um "outro mundo" pitoresco, literariamente saboroso, que sucumbira em face de uma Argentina empenhada em se parecer com a França.

3. Considerações finais

Nos textos sobre a Argentina que a *Revue* publicou na década de 1880, o imperativo de tomar partido frente à dicotomia civilização ou barbárie havia se desvanecido. O mencionado artigo de Émile Daireux, "La colonie française de Bueno Ayres" constatava, não sem orgulho, a associação que se produzira entre a vitória do projeto civilizador e a identificação com o modelo francês.¹⁵ As revistas, argumentava Daireux, haviam dado sua contribuição para esse desfecho.

Encerro esta reflexão propondo uma hipótese para trabalhos futuros de problematização desta fonte.

12 *Ibidem*, p. 146.

13 Gabriel Passetti apresenta a hipótese de que Namuncurá teria logrado convencer diferentes caciques de que o projeto do governo "não os incluía como partes ativas e importantes de suas sociedades, mas apenas como subjugados trabalhadores braçais". Cf. Gabriel Passetti, *op. cit.*, p. 227.

14 *Ibidem*. Sobre os projetos de "conquista do deserto" na Argentina das últimas décadas do século 19, ver, entre outros, Tulio Halperin Donghi. *Una nación para el desierto argentino*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1995. Do mesmo autor, *Proyecto y construcción de una nación (1846-1880)*. Buenos Aires: Planeta, Ariel, 1999. Mais recentemente, Fermín A. Rodríguez inverteu a fórmula no instigante livro *Un desierto para la nación: la escritura del vacío*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010.

15 Émile Daireux. « La colonie française de Buenos Ayres ». In. *Revue des Deux Mondes*, 3^{ème} période, t. 65, sept.-oct. 1884, p. 879-907. Sobre a « explosão » de transformações modernizadoras em Buenos Aires na passagem do século 19 ao 20, ver Horacio Vázquez-Rial (dir.). *Buenos Aires: 1880-1930. La capital de un imperio imaginario*. Madrid: Alianza Editorial, 1996.

Embora Buenos Aires da virada do século não fosse um fiel espelho de toda a América Latina, pergunto-me se o decrescente interesse da *Revue des Deux Mondes* para com essa região do “outro mundo”, a partir dos anos 1890, não foi motivado – além dos óbvios fatores relacionados à administração interna da revista, ao mercado editorial e à conjuntura política internacional – por um sentimento de missão cumprida.